**ONDE ENCONTRAMOS MARIA E JESUS HOJE?**

**Pe. Rogério L. Zanini**

A partir da experiência de fé, a dimensão do encontro é nuclear na vida cristã. Os cristãos têm em Jesus sua referência máxima para viver o seguimento e configurar suas vidas no projeto vivido e defendido por Ele. As palavras do Papa Francisco não deixam dúvida quanto à importância de Jesus, quando diz: “a primeira motivação para evangelizar é o amor que recebemos de Jesus, aquela experiência de sermos salvos por Ele que nos impele a amá-lo cada vez mais” (EG 264).

Acontece que na prática da fé esta experiência do amor de Jesus recebe muitos nomes e, não poucas vezes, ganha contornos e direções perigosas no seio da sociedade. Haja visto, que o conhecimento de Jesus dos Evangelhos e do Evangelho de Jesus é ainda bastante distorcido, frágil e incapaz de fazer com que a vida e as escolhas pessoais sejam configuradas, tanto aos sentimentos quanto às opções feitas por Jesus de Nazaré.

Ora, o Jesus dos Evangelhos se refere ao Jesus revelado pelos evangelistas, como pobre, alguém que viveu na pobreza e se despojou de tudo para assumir plenamente o projeto do Pai de libertação/salvação para a humanidade. O Evangelho de Jesus se refere a tudo o que Jesus disse e fez, de modo que seus ditos e feitos possuem uma unidade indissociável para compreender a sua vontade e passam a ser o critério inegociável para aqueles que desejam segui-lo na história.

Quanto à pessoa de Maria, a mãe de Jesus também percebemos claramente à luz das Escrituras seu projeto de vida e salvação para a humanidade. As narrativas bíblicas testemunham Maria, como mulher, pobre e proveniente de um lugar irrelevante. Segundo o biblista Pagola, Maria tem sua procedência de uma aldeia pequena e desconhecida, como Nazaré, de apenas duzentos a quatrocentos habitantes.[[1]](#footnote-1) Para Jair Carlesso, “assim Deus se encarnou: na pobreza, no anonimato, no silêncio, distante do barulho do império e da capital e longe do legalismo judaico e do rubricismo do templo”.[[2]](#footnote-2) Do lugar desprezado pelos habitantes de Jerusalém, de Nazaré pode sair algo de bom? (Jo 1,46). Maria fazia parte desse povo empobrecido e, nesse contexto, foi visitada pelo anjo. Deus foi se revelando na vida dos pequenos e pobres, daqueles que compõem as periferias sociais. Maria continua representando os pobres no anonimato, enfrentando as perseguições do Rei Herodes, em total disponibilidade ao serviço.

É mantendo estas concepções de fundo que precisamos discernir como se dá o encontro com Jesus e Maria nos sulcos da história da humanidade. Isso mostra que a palavra encarnada, revelada pelas Escrituras – que o Concílio Vaticano II deu primazia e retomou sua centralidade através da *Dei Verbum* precisa ser a fonte e alma da evangelização. “Como regra suprema de sua fé” (n. 21). Por isso, toda a pregação deve ser “alimentada e dirigida pela Sagrada Escritura”, que é “alimento” e “fonte pura e perene da vida espiritual” (n. 21) e seu “estudo” é a “alma” da teologia (n. 24).

Para a reflexão que segue, vamos nos concentrar em analisar duas imagens que presenciei em visita *in loco* nos municípios de Encantado RS e outra em Cruzeiro do Sul RS. Uma de Jesus Redentor colocado sobre uma alta montanha (Encantando) e outra de Nossa Senhora de Fátima encontrada entre os destroços de lama na enchente (Encantado).

Este Jesus colocado no alto da colina e exposto em propagandas como ponto turístico da cidade para ser desfrutado e adorado como Redentor glorioso. Ponto estratégico para atrair visitantes, que podem fazer suas orações e peregrinações com segurança. Lugar distante do povo, cercado de belas e atraentes paisagens que motivam a contemplar a beleza do lugar.

De imediato podemos nos questionar se este Jesus, assim apresentado, como ponto de atração turística e objeto a ser comercializado tem algum sentido em relação ao Jesus, amigo dos pobres e sofredores, como revelam os Evangelhos? Onde encontrar o Cristo de carne e preocupado com a vida das pessoas? Nesta direção tem razão o Papa Francisco quando lembra que o problema não está no ateísmo, mas o desafio maior “é responder adequadamente à sede de Deus de muitas pessoas, para que não tenham de ir apagá-la com propostas alienantes ou com um Jesus Cristo sem carne e sem compromisso com o outro” (EG 89).

Estas são afirmações contundentes fixadas em uma cristologia que foi retomada pelo Concílio Vaticano II, quando clama para o retorno à humanidade de Jesus de Nazaré.

Porque, pela sua encarnação, Ele, o Filho de Deus, uniu-se de certo modo a cada homem [pessoa]. Trabalhou com mãos humanas, pensou com uma inteligência humana, agiu com uma vontade humana, amou com um coração humano. Nascido da Virgem Maria, tornou-se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado (GS 22).

Nesta narrativa encontramos uma concepção de Jesus que foge às experiências, ao menos habituais, das pessoas ditas religiosas. Custa muito para as pessoas descobrirem que a divindade de Jesus se manifesta mediante as experiências humanas. Portanto, quando retornamos à fonte do Evangelho, Jesus é reconhecido em um contexto totalmente adverso dos reinos humanos e dos púlpitos de glória e esplendor. Aqui destacamos apenas três características de Jesus como Redentor à luz dos evangelhos.

1) Jesus, nosso Redentor, preside esse Reino no Trono da cruz. Cristo não aparece sentado num trono de ouro, mas pregado numa cruz, com uma horrível coroa de espinhos na cabeça e uma irônica inscrição pregada no lenho: “*Jesus Nazareno, rei dos Judeus*”.

2) Jesus não está rodeado de súditos fiéis que o louvam, mas dos chefes dos judeus que o insultam e dos soldados que o escarnecem. Nada o identifica com poder, com autoridade, com realeza terrena. Contudo, a inscrição, irônica aos olhos dos homens, descreve com precisão a situação de Jesus, na perspectiva de Deus: Ele é rei, que preside, da cruz, um Reino de serviço, de amor, de entrega, de dom da vida.

3) Da cruz, Jesus grita para o Pai e deseja fazer sua vontade, mesmo passando pelo sofrimento injusto dos homens. Da cruz também revela sua coerência mantida em relação a todo o caminho da missão: O Pai perdoa .... Mostra que o amor não pode negar-se e o caminho existencial – gradualmente conduz para enfrentar as pedras do caminho e as decisões profundas. Aqui vale a observação sempre difícil para os humanos, que sofremos e temos dificuldades de compreender o amor de Deus e como o amor produz amor.

Esta é a imagem de Nossa Senhora de Fátima que estava fixada na parte superior da Igreja da comunidade Passos de Estrela, no município de Encantado RS. O que impressionou os moradores foi que tal imagem não se quebrou e mesmo sendo tombada pela correnteza da água permaneceu quase intacta. Entre os entulhos de centenas de casas, lá estava a imagem de Nossa Senhora.

Como as mães de tantos desabrigados, e tantas outras famílias banhadas pelas enchentes – no meio do povo ficou – permaneceu. Não arredou o pé e se manteve presente, sendo um sinal de resistência, amor e comunhão com as pessoas desabrigadas.

Foi esta mesma mãe Maria que testemunhou a necessidade de seguir o Filho amado e quando da escassez do vinho nas bodas de Caná, desafiou o Filho e os ajudantes a transformar aquela realidade. Sem titubear disse: “fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo 2,5).

Podemos nos perguntar: O que esta Mãe diria hoje, vendo seu Filho sendo colocado nas alturas, distante dos problemas do povo? O que faria hoje vendo seu Filho sendo objeto de turismo e divertimento para centenas de pessoas indiferentes com a situação de sofrimento do povo?

Ou outra vez, estaria esta Mãe – como na imagem encontrada sob os escombros, dizendo que a tenda continua junto dos pobres, enlameados da história de cada tempo e lugar? Como no grito contra os poderosos e gananciosos de seu tempo, está agora ribombando com seu testemunho que a salvação vem de baixo e não de cima, como aprendeu do seu Filho Jesus? Por que de baixo, entre os excluídos e os pequenos, provém a salvação cristã.

Com isso, aquela imagem estava dizendo outra vez e claramente: onde colocaram o corpo do meu Filho amado? Antes fora pendurado em uma cruz, como maldito de Deus, agora colocado no alto das colinas ao alcance de poucos e abastados. Não é este o meu Filho! E como o grito das mulheres no sepulcro, sentimos Maria agora dizendo: “deixem meu filho descer, se sujar entre os pobres e aterrados do mundo”. É Maria caída, suja pelo barro, mas não vencida junto dos atingidos mostrando que a lógica salvífica do Pai do céu se revela sempre a partir do *reverso da história.* Estamos perante o grito que versa literalmente sobre a necessidade de construir a “pirâmide invertida” como pediu o Papa Francisco. Significa a possibilidade de deixar Deus ser Deus, como revelou Jesus – amigos dos pobres e dos excluídos de sempre.

A partir desta compreensão e relação temos que concordar com o teólogo Clodovis Boff, quando afirma: “Maria constitui um poderoso dique contra as tentativas de esvaziar o cristianismo de seu conteúdo ‘encarnatório’, isto é, de sua dimensão humana, concreta, histórica. Ela fez e faz Deus ‘baixar à terra’”.[[3]](#footnote-3) E se referindo à imagem de N. Sra. Aparecida, o Papa Francisco lembra que fica uma lição de Deus para sempre: “mas, em Aparecida, Deus deu também uma lição sobre Si mesmo, sobre o seu modo de ser e agir. Uma lição sobre a humildade que pertence a Deus como traço essencial e que está no DNA de Deus”.[[4]](#footnote-4)

Se esta lição precisa ser levada a sério, outrossim, fica evidente que o Jesus colocado na montanha, distante do povo e das situações reais não condiz com a vontade de Deus. É preciso descer Jesus da montanha, bem como deixar Ele participar das realidades humanas de alegrias e de sofrimentos do seu povo. Perspectiva que vem sendo reforçada pelo Papa Francisco para “responder adequadamente à sede de Deus de muitas pessoas, para que não busquem saciá-la com propostas alienantes ou com um Jesus Cristo sem carne”. Mais: “nunca se deve perder de vista a carne de Jesus Cristo, “aquela carne feita de paixões, emoções, sentimentos, histórias concretas, mãos que tocam e curam, olhares que libertam e encorajam, de hospitalidade, de perdão, de indignação, de coragem, de intrepidez: em uma palavra, de amor”.[[5]](#footnote-5)

Cremos que esta seja apenas uma breve, mas oportuna reflexão devido as mil formas de tentativas de desencarnação do Verbo de Deus e de sua mãe dos sulcos da história. Mais e mais a fé cristã está se tornando um receituário, um analgésico para afagar egos e justificar a lógica do sistema capitalista. No entanto, o Evangelho caminha em uma lógica diferente, se constituindo em uma proposta incomoda, profética no seio social em vista da construção de sinais de vida e libertação para a humanidade inteira.

Por isso, terminamos deixando a questão em aberta para os leitores e leitoras responderam, a partir de sua fé e prática cristã: onde encontramos e sentimos a presença viva e verdadeira do Verbo de Deus e da Mãe de Jesus? Onde encontramos a presença divina que mais parece analgésico e bálsamo para aliviar a consciência do pecado e das injustiças praticadas em nome de Deus e seus substitutos na sociedade atual?

1. PAGOLA, José. *Jesus*: aproximação histórica, p. 62. [↑](#footnote-ref-1)
2. CARLESSO, Jair. O itinerário de Maria de Nazaré nas Sagradas Escrituras. *In*: RODIGHERO, Ivanir A.; DAL MORO, Selina M. (org.). *Nos passos de Maria*, p*.* 185. [↑](#footnote-ref-2)
3. BOFF, Clodovis. *Mariologia social*, p. 469. [↑](#footnote-ref-3)
4. VATICANO. *Discurso do Santo Padre. Encontro com o episcopado brasileiro*. [↑](#footnote-ref-4)
5. Papa Francisco. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2024-08/papa-literatura-educa-coracao-mente-abre-escuta-carta.html>. Acesso em 6 de agosto de 24. [↑](#footnote-ref-5)